

ÉTICA – DA ANTIGA GRÉCIA À UTILIDADE NO SÉCULO XXI

ETHICS – FROM ANCIENT GREECE TO THE UTILITY IN THE XXI CENTURY

Carlos Roberto Sabbi*
Daniel José Crocoli**

Resumo: A educação em ética dos profissionais de hoje é fundamental, tanto para compreender a extrema competitividade como para se comportar da forma mais adequada, tanto em respeito aos principais valores da vida, como para o próprio sucesso profissional. Moral e ética são expressões que se referem a uma mesma realidade humana, a um modo de ser que só o homem possui, que se referem ao modo de ser de todo ser humano, que se estrutura sobre regras e sobre a avaliação do bem e o mal. Ética é, antes de tudo, pensar o próprio ser humano e as condições que o constituem como tal.

Palavras-chave: Caráter, competitividade, ética, moral, sucesso, valores.

Abstract: Ethics in education is essential for professionals nowadays, both to understand the extreme competitiveness and to behave in a more suitable way, as well as in respect to the core values of life and for their own professional success. Morality and ethics are expressions that refer to the same human reality, a way of being that only man possesses; they refer to the human nature of every human being, which is structured on rules and on the evaluation of good and evil. Ethics is, above all, thinking about the human beings themselves and the conditions that constitute them.

Keywords: Character, competitiveness, ethics, morality, success, values.

1. O aspecto moral e o aspecto ético

A educação dos profissionais de hoje, num nível de extrema competitividade e em que ainda não se vislumbra nenhuma mudança na linha crescente desse gráfico de constante aumento da rivalidade comercial, mais do que nunca é imperativa para o sucesso profissional. A identidade deverá ser marcada pelo comportamento, de um mercado cada vez mais exigente pelos seus direitos. Assim, a diferença de um bom profissional estará marcada pela sua conduta ética, respeitando e privilegiando o cliente, através do movimento desenvolvimentista do mercado e das suas características.

* Mestrando em Educação pela UCS e professor da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: crsabbi@gmail.com.

** Mestrando em Educação pela UCS. E-mail: djcrocol@hotmail.com

1.1 - Ética como um pensar sobre a própria casa

Em todo estudo que se propõe uma reflexão sobre o tema ética, a primeira questão que reclama por um esclarecimento se refere à própria definição de ética. Esse questionamento é relevante justamente por termos utilizado, ao longo da história, duas palavras para representar um mesmo conceito. Moral e ética são expressões que se referem a uma mesma realidade humana, a um modo de ser que só o homem possui, que se referem ao modo de ser de todo ser humano, que se estrutura sobre regras e sobre a avaliação do bem e o mal. Na natureza das coisas, as leis que constituem este mundo determinam o acontecer dos eventos naturais ao passo que, na natureza humana, mesmo que vinculada a leis naturais, encontra-se a condição de liberdade e de vontade livre diante das coisas. A pessoa humana é o ser que, por essência, é criador de seu próprio ser, decide sobre si mesmo, tem uma vontade livre. A partir desta essência humana é que surge a capacidade de avaliar, de refletir sobre si e sobre o mundo. Capacidade que não está na ordem da natureza, mas da potencialidade, uma vez que faz parte do querer ser e da vontade livre. A realidade humana está colocada na ordem da vontade e não da necessidade, o que lhe dá uma condição de autodeterminação, de escolha diante do bem e do mal.

Ética é, antes de tudo, pensar o próprio ser humano e as condições que o constituem como tal. Ser humano é ser ético e esta relação provoca um questionamento sobre o próprio ser-humano, ou ser-do-homem. Na história da filosofia, a partir da concepção epistemológica, “Ética vem do grego *ethos*, que significa analogamente ‘modo de ser’ ou ‘caráter’ enquanto forma de vida também adquirida ou conquistada pelo homem”¹. E “moral vem do latim *mos* ou *mores*, ‘costume’, no sentido de conjunto de normas ou regras adquiridas por hábito”². Moral e ética são situações de estudo puramente humanas, fazem parte de uma realidade construída pelo homem e pela humanidade. Na filosofia de Aristóteles, uma definição pontual de ser humano faz a afirmação de que é um ser social e, portanto, se constitui nas relações, sejam elas parentais ou políticas.

Não existe pensamento fora de alguém que pensa, e esse alguém não é uma mônada fechada em si mesma, mas de algum modo, fruto das relações – seja no âmbito de sua gênese biológica (ninguém nasce senão de seus pais), seja em termos de sua geração social e

¹ VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Ética*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 24.

² Idem.

histórica (ninguém existe fora de uma cultura e de uma língua que o acolhem, ou fora de estruturas sociais que o sustentam).³

O caráter ético é justamente esta condição de viver e pensar a partir das relações, onde o sentido geral, como, por exemplo, a cultura, a tradição, a linguagem, ou o sentido particular identificado no próprio pensamento, na reflexão e no sentido dado ao mundo possuem na sua base as relações e um pensar sobre estas relações. Parece aceitável admitir que haja várias concepções de moral pela simples constatação de que os grupos sociais encontram diferentes explicações, diferentes critérios para a fundamentação dos juízos morais. Onde, portanto, são encontradas justificativas para estas diferenças? Qual o papel do trabalho filosófico diante das diferenças de argumentações sobre os fundamentos de leis morais? Ou ainda, a experiência da ética-prática levada à sua reflexão encontra critérios de fundamentação objetivos desvinculados do todo existencial de quem reflete? Pois, caso a reflexão moral, mesmo que sujeita a considerar os diferentes argumentos produzidos como justificativa para os juízos morais, ainda assim só os reconhece a partir de sua vivência e de uma ética, não chegando ao todo da fundamentação, pois esta faz parte do que é percebido e sentido, ou seja, da existência própria do ser que experiência a sua condição. O comportamento moral e a ética acontecem na existência, no seu tempo e no todo perceptivo próprio. A ética é, portanto, um pensar sobre a própria existência, é parte da condição humana. A hermenêutica propõe um estudo do elemento histórico como uma condição de se pensar a ética, justamente, porque a consciência enquanto reflexão é também uma consequência da história do ser ou do sujeito que reflete.

Ética é, assim, o fundamento da condição humana que vive e medita sobre si, sobre seu lugar, sobre sua casa, sobre seu mundo; ética é, nesse sentido, essencialmente, uma questão eco-lógica (de *oikos*: casa, lugar, e logos; reflexão sobre). E assim sendo, ética é o fundamento de todas as especificidades do viver em suas mais complexas relações e derivações, das ciências e da tecnologia, da história das comunidades e da própria filosofia.⁴

Mas, quais as particularidades que diferenciam os conceitos de moral e ética? Pois as confusões relacionadas a estes dois conceitos, moral e ética tornam o estudo muitas vezes confuso sempre que se pretende analisar a dimensão ética do ser humano.

A primeira solução já é encontrada no entendimento dos gregos com a utilização

³ SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética como fundamento: uma introdução à Ética contemporânea*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004. p. 19.

⁴ Idem. p. 20.

de duas grafias: *éthos* e *êthos*. *Éthos* com *eta* tem o significado de lugar, de morada, de casa. A morada para os gregos representava as condições de organizar o mundo exterior e o mundo interior, tendo por base as normas, as regras, as leis da casa. Como se a palavra *éthos*, na sua sutileza, representasse um movimento subjetivo e de reflexão. Este lugar é reconhecido pelos gregos como a dimensão interpretativa do ser humano. A partir do lugar é que se encontrará o verdadeiro significado hermenêutico de toda reflexão. *Êthos* com *épsilon*, significa conforme os hábitos, os costumes, tradição. Tem como fundamento a cultura, tudo o que se refere às influências do grupo social.

A palavra moral (*mores*) mesmo que tenha sido uma tradução latina da palavra grega *éthikós*, e tendo um significado etimológico que se refere aos costumes e à tradição (*êthos*), possui somente um dos significados da palavra grega *ethos*, não contemplando o momento da reflexão sobre o agir moral. Como moral se entende uma parte do comportamento humano vinculado à pergunta: de que forma se deve fazer? Os problemas práticos, do cotidiano de todas as pessoas são problemas morais.⁵ A forma como se realiza a ação está vinculada a um julgamento concreto, de uma situação específica, de acordo com convicções pessoais e orientadas por normas ou princípios considerados apropriados para aquela situação. Os julgamentos dirigidos às ações das outras pessoas também estão associados aos problemas morais, pois uma ação é reconhecida como boa ou má de acordo com as normas e os princípios de quem julga. Esse julgamento continua sendo uma ação prática-moral.

A ética, por sua vez, parte do fato que existe uma moral, ou de que os homens realizam ações de acordo com normas e princípios pessoais e de acordo com as relações sociais que se estabelecem. A ética nada mais é do que a reflexão sobre a moral⁶, ou

⁵ Alguns exemplos são pertinentes para esclarecer este conceito; “Devo dizer a verdade ou há ocasiões em que devo mentir? (...) Podemos considerar bom o homem que se mostra caridoso como o mendigo que bate à sua porta e, durante o dia – como patrão – explora impiedosamente os operários e os empregados de sua empresa? Se um indivíduo procura fazer o bem e as consequências de suas ações são prejudiciais àqueles que pretendia favorecer, porque lhes causa mais prejuízo do que benefício, devemos julgar que age corretamente de um ponto de vista moral, quaisquer que tenham sido os efeitos de sua ação?” VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Ética*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 15.

⁶ Os homens não só agem moralmente (isto é, enfrentam determinados problemas nas suas relações mútuas, tomam decisões e realizam certos atos para resolvê-los e, ao mesmo tempo, julgam e avaliam de uma ou de outra maneira estas decisões e estes atos), mas também refletem sobre este comportamento prático e o tomam como objeto da sua reflexão e de seu pensamento. Dá-se assim a passagem do plano da prática moral para o da teoria moral; ou, em outras palavras, da moral efetiva, vivida, para a moral reflexa. Quando se verifica esta passagem, que coincide com o início do pensamento filosófico, já estamos propriamente na esfera dos problemas teórico-morais ou éticos. VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Ética*. 24ª- ed. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2003. p. 17.

seja, a preocupação não é mais pelo como se deve proceder nesta ou naquela situação, mas pelo como se chegou a definir determinada ação moral como boa ou como não boa. Uma parte da ética se ocupa em definir o que é o bem, ou o que é o bom.

Muitas teorias éticas organizaram-se em torno da definição do bom, na suposição de que, se soubermos determinar o que é, poderemos saber o que devemos fazer ou não fazer. As respostas sobre o que é o bom variam, evidentemente, de uma teoria para outra: para uns, o bom é a felicidade ou o prazer; para outros, o útil, o poder, a autocriação do ser humano, etc.⁷

O entendimento de ‘bom’ aqui é no sentido geral; uma investigação que busca definir e entender o que constitui o que é bom. Ao passo que um entendimento teórico da moral tem a função de fundamentar e dar condições de justificar (dizer como são) as ações morais, possibilitando entender o rigor e as bases de determinado saber moral. “A ética é teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens, o da moral, considerado, porém, na sua totalidade, diversidade e variedade”⁸. A partir destes elementos, podemos definir a parte do estudo da ética que este trabalho está situado, ou seja, de buscar entender de que forma o saber moral se forma, se modifica, a nível individual e social, e pode ser entendido por uma ciência. A hermenêutica nos dá alguns passos interessantes para esta investigação.

O caráter explicativo da ética permite um estudo e uma análise da moral sem a preocupação de dar juízos de valor com relação aos diferentes tipos de fundamentação ou de práticas morais, mesmo que se reconheça a influência que este estudo tem no reconhecimento de determinada moral e dos efeitos a que levam determinadas fundamentações. No diálogo com Gadamer, a ética torna-se a dimensão explicativa no entendimento da pluralidade da moral, considerando: a história e com ela uma percepção das mudanças, de acordo com o tempo e do lugar de onde se está produzindo esta compreensão sobre o dever ser ou sobre a moral. Lugar aqui não como um espaço geográfico, mas considerando um lugar de onde é produzida uma compreensão; e os grupos sociais, tendo presente a cultura e a tradição como influenciadoras de uma construção moral de caráter subjetivo.⁹

⁷ Idem, *Ibidem*. p. 18.

⁸ Idem, *Ibidem*. p. 21.

⁹ “A ética depara com uma experiência histórico-social no terreno da moral, ou seja, com uma série de práticas morais já em vigor e, partindo delas, procura determinar a essência da moral, sua origem, as condições objetivas e subjetivas do ato moral, a natureza e a função dos juízos morais, os critérios de justificação destes juízos e o princípio que rege a mudança e a sucessão de diferentes sistemas morais”.

Para a ética, cabe tomar a moral como um objeto de estudo amplo, que assegure o reconhecimento do homem como ser consciente, de relações e que sabe sobre si mesmo. Para Gadamer, o estudo do ser humano é um trabalho singular que requer um método próprio de investigação, diferente do utilizado pelas ciências naturais e que nem por isso deixa de contemplar a verdade. As ciências do espírito caracterizam este novo modelo de estudo, tendo como ‘objeto’ um ser que sabe sobre si mesmo.

Hoje, ética e moral são respectivamente ciência e objeto ou reflexão teórica sobre o aspecto moral do ser humano. O sentido etimológico¹⁰ “não nos fornece o significado atual dos dois termos, mas nos situa no terreno especificamente humano no qual se torna possível e se fundamenta o comportamento moral: o humano como o adquirido ou conquistado pelo homem sobre o que há nele de pura natureza”¹¹. Moral e ética remetem a uma característica humana, como ocorre também com a política, vinculadas ao ser que é livre e que possui uma vontade. Ao contrário dos animais, o homem quebra os limites das leis naturais, que engessam toda possibilidade de ‘saber’ pré-determinado, criando um mundo de significados e de possibilidades. Humano como ser que sabe de seu ser e sabe do ser dos outros como seres que sabem sobre si mesmos. Desta condição de saber de seu ser que nasce a ética. Em síntese, a ética faz parte da essência do homem. As leis da natureza estão como uma necessidade para todo animal, assim como a necessidade de regras, de princípios e de relações são necessidades para a constituição do ser como ser humano.

Em Kant, a razão passa a ser o ‘símbolo’ representativo do entendimento do homem como ser livre e dotado de vontade. No ‘ser racional’ está a ideia do querer e da escolha. A importância de se pensar uma ética se dá justamente pelo caráter enriquecedor que esta reflexão possui no entendimento do uso da liberdade e das escolhas de cada pessoa com relação a si mesma e com os outros. E mesmo que a ética não esteja voltada a uma simples avaliação das normas morais, não deixa de interferir, pois permite um profundo esclarecimento de seu objeto: a moral.

A ética significa também o lugar de onde nasce a reflexão (*oikos*) e traz para a análise de Gadamer um problema filosófico: “O problema então é saber como pode se

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Ética*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 22.

¹⁰ Ver citação 1 e 2.

¹¹ VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Ética*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 24, 25.

dar um saber teórico sobre o ser ético do homem”¹². O problema aqui se dá no seguinte sentido: o próprio filosofar se constitui como um 'lugar' de onde se produz uma determinada compreensão de si e do próprio mundo; assim ocorre também com a ética, pois ela se constitui como um saber sobre o agir humano, tendo como base um dever ser, uma moral, mediada pela história. Como, portanto, a hermenêutica elaborada por Gadamer pretende dar conta deste problema? Ao olhar o humano como ser que pensa o mundo, que modifica o próprio pensar sobre o mundo e ao modificar o pensar se modifica a si mesmo, implica num olhar mais profundo para que se contemple o ser humano como um ser que, na sua essência, se constitui como ser ético. A filosofia desenvolvida por Gadamer propõe um caminho significativo de aproximação entre ética e hermenêutica, na medida em que pensa a ética como sendo também um trabalho hermenêutico e de uma ciência, que encontra uma verdade em um método característico, articulando história e compreensão de si e do mundo.

1.2 A ética como ciência do espírito em Gadamer

Gadamer inicia sua obra, *Verdade e Método*, questionando a relação de similaridade entre as ciências da natureza e as ciências do espírito, justamente considerando o próprio método de se fazer 'ciência'. As ciências da natureza utilizam-se da lógica da indução como método para se chegar a uma lei, ou seja, do particular para o geral e encontram no experimento a sua justificativa, ou seja, um método que dá conta da relação particular – lei geral, solucionando também o problema da aplicação. Com relação às ciências do espírito, o método indutivo não dá conta de compreender uma realidade em que na sua base está a possibilidade e não uma lei. A própria expressão ciência encontra um novo direcionamento, onde: “Não se aduzem, por exemplo, causas para determinados efeitos, mas simplesmente constatam-se regularidades”¹³. A pergunta, portanto, não vem a ser pelas causas de determinados fenômenos, “mas compreender como este homem, este povo, este Estado é o que veio a ser; dito genericamente, como pode acontecer que agora é assim”¹⁴. O entendimento ético, na visão hermenêutica de Gadamer, passa por uma elaboração onde a história, o pensar sobre o contexto e o pensar sobre si mesmo, em determinado contexto, são as variáveis

¹² GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*, 2005. p. 412.

¹³ Idem. p. 38.

¹⁴ Ibidem. p. 39.

que se constroem e ao se realizarem acrescentam elementos novos ao entendimento do sujeito ético. Com base neste entendimento, a moral-prática também se estrutura: o homem pensa na sua realidade (lugar), interpreta e elabora ações. A história passa a ter sentido dinâmico, vinculada ao próprio sujeito, que, ao mesmo tempo, constrói a história e se faz nela. Com este direcionamento, o valor da história está nos vínculos com o sujeito e não como no modelo científico que se preocupa em estudar a história como um objeto e, assim, distanciando-se dela (sujeito-objeto).

Nesse dinamismo a que as ciências do espírito se propõem, encontra-se a palavra ‘formação’, de onde o autor tira as particularidades do estudo do ser humano e da inviabilidade das ciências naturais para entender o campo da ética. As características deste estudo devem dar conta do que é específico humanamente, ou seja, de um movimento sempre dinâmico de ‘forças’ estabelecidas pela particularidade de cada vivência. O termo formação, a que o autor se refere, é uma tentativa de reconhecer este movimento dinâmico do acontecer humano e tem no seu conceito elementos de superação e enriquecimento, tendo como referência a sua base conceitual.

(...) de uma ‘formação natural’, que se refere à aparência externa (a formação dos membros, uma figura bem formada), e sobretudo à configuração produzida pela natureza (p. ex. ‘formação orográfica’ (...)). Hoje, a formação está estreitamente ligada ao conceito de cultura e designa, antes de tudo, a maneira especificamente humana de aperfeiçoar suas aptidões e faculdades.¹⁵

É importante perceber, no entendimento deste conceito, a importância colocada na expressão: ‘maneira humana’, ou seja, cada pessoa tem um modo de ser, de estar no mundo e de entender, que é singular. Para a reflexão moral, ou para a ética, essa problemática tem relação com as ideias de Aristóteles, no que diz respeito ao agir humano, onde cada indivíduo, mesmo que participe de elementos comuns a outras pessoas, é responsável por um diferencial no modo como participa desta realidade. Em Kant e Hegel, a ideia de formação passa pela ideia de um dever para consigo mesmo de aperfeiçoar, seja uma habilidade ou aptidão. O conceito aqui se mantém com a ideia de mudar o que já está, ou na expressão de Gadamer: “O fato de a formação (...) designar mais o resultado deste processo de devir do que o próprio processo corresponde a uma frequente transferência do devir para o ser”¹⁶. No entanto, no entendimento do autor, o significado de formação não tem caráter de finalidade, de objetivos a serem alcançados,

¹⁵ Ibidem. p. 45.

mas está presente no próprio processo. Formação como um estado de ser que se atualiza de maneira dinâmica, como um momento em que o passado (um saber) se modifica no presente, nas novas relações que se estabelecem entre o pensamento e a situação real do ser que pensa. Formação é uma ação sempre nova de reflexão, é um saber para si de acordo com o conteúdo (passado) e a projeção (ser humano como projeto, aberto à mudança): “(...) ou seja, o modo de perceber que vem do conhecimento e do sentimento do conjunto do empenho espiritual e moral, e que se expande harmoniosamente na sensibilidade e no caráter”.¹⁷

Nas ciências do espírito e, aqui, nos referimos à ética, a preocupação não está no fazer enquanto ação direcionada a um objeto, mas no agir, na postura e no modo como acontece a ação. Gadamer faz esta distinção com base no conceito de *phronesis*, presente na filosofia de Aristóteles, percebendo que a base para um entendimento das ciências do espírito pode ser destacada do conceito de ciência presente na ética de Aristóteles.

O próprio nome da principal obra de Gadamer – *Verdade e Método* – traz um pensar sobre a importância de se aplicar um método que seja coerente com o foco de estudo a que cada ciência se propõe a olhar e entender. Nas ciências ditas teóricas, tendo como modelo a matemática, as características de seu objeto são muito diferentes para que se aceite o mesmo referencial no estudo também das ciências do espírito. Essa distinção já é uma problemática aristotélica entre um saber ético da *phronesis* e um saber teórico da *episteme*. Neste último, as características do objeto são “inalteráveis, que repousa sobre a demonstração e que, por conseguinte, qualquer um pode aprender”¹⁸. O método das ciências do espírito só pode levar à verdade na medida em que der conta “(...) de coisas que nem sempre são como são, pois podem também ser diferentes”¹⁹. O homem é um ser de escolhas, de vontade. As leis que se encontram no estudo dos objetos das ciências naturais não são aplicáveis diretamente no estudo do homem enquanto consciência, pois a base que constitui todo ser humano está na ordem da possibilidade, do movimento dialético das escolhas e do significado que estas escolhas acabam tendo em cada momento histórico ou em cada momento da história do

¹⁶ Ibidem. p. 46.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Ibidem. p. 414.

¹⁹ Ibidem.

sujeito.

Tal entendimento de ciência abre uma nova perspectiva, de se pensar a reflexão sobre o agir humano, a ética, como um movimento de atualização da historicidade na situação concreta de cada sujeito. “(...) o pensamento do ser é um pensamento do dever-ser, que é ação, práxis. Quem fala da reflexão sobre a ação, sobre a práxis, está falando sobre a ética. Pensar a ética no contexto de uma ontologia da historicidade, isto é, de uma 'ontologia da liberdade', significa tematizar a unidade originária entre ontologia e ética”²⁰; onde cada pessoa represente um modelo particular de relações e de construções de pensamento a partir de sua experiência de mundo.

Ora, só quem admite uma razão objetiva, ou seja, quem admite que cada realidade particular, cada qual a seu modo, na razão universal, está em condições de fornecer critérios materiais para o debate ético. Neste sentido, há normas materiais que valem independentemente de seu reconhecimento. Assim, por exemplo, é insustentável eticamente o consenso entre duas pessoas de se instrumentalizarem mutuamente, pois a dignidade incondicional da pessoa humana, em virtude do 'grau' de sua participação no absoluto, não pode ser objeto de um consenso, mas antes é razão para legitimar o consenso.²¹

Isso significa dizer que o trabalho de reflexão sobre a moral é um olhar, uma interpretação que reclama por uma aceitação mútua mesmo que a participação de cada sujeito nesta construção seja sempre singular. E o entendimento deve se voltar ao modo como se desenvolveu a reflexão. Consiste numa abordagem que dê conta, não só da abordagem histórica e cultural, mas de seu envolvimento ontológico ou da situação concreta do sujeito.

2. Conclusão

Pode-se, a partir dessas análises, concluir que o mais apropriado é associar a Ética ao Comportamento, enquanto que a Moral o adequado é defini-la como sendo o conjunto de leis, normas, regulamentos, etc., além dos costumes e tradição dos povos. Assim, o sujeito estará sendo Ético ou não, de acordo com o seu comportamento em relação ao legal, aos costumes e tradição. Pode ser uma conclusão simplista, mas que certamente estará absolutamente consoante com o que as massas assimilam, pois nesse nível não cabe construções complexas, até porque os termos “ética” e “moral” não são

²⁰ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e Práxis histórica*. São Paulo, ÁTICA, 1995. p. 16.

²¹ *Ibidem*, p. 15.

coisas concretas, como designa o próprio Dicionário Houaiss: abstrato “diz-se de substantivo que nomeia qualidade, ação, sentimento, estado, modo de ser, etc., não concreto”.

Por outro lado, importante destacar a importância da difusão dos conceitos sobre o tema, no momento em que cada vez mais se indaga sobre a qualidade das condutas humanas, quer seja no meio profissional ou pessoal. Nas organizações através da qualidade, através da exigência de uma postura ilibada frente ao cliente, através do respeito ao meio-ambiente e da própria legislação que também caminha nessa direção. As pessoas, por sua vez, através da elevação da cidadania e do aumento do seu nível crítico, que pode ser medido através evocação crescente do Código de Defesa do Consumidor.

Finalmente, deve-se salientar que esse caminhar é efetivamente na direção da qualificação das atitudes e, jamais, no rumo de qualquer cerceamento de liberdade. Isso tudo sem significar que esse movimento possa constituir, na prática, uma nova postura, pois até então, esse exercício é, antes de qualquer coisa, uma compreensão dos fatos, – movimento no plano das ideias – enquanto que uma nova atitude, verdadeiramente, já seria outra conversa.

Bibliografia

DUSSEL, Enrique. *Ética Comunitária*. Buenos Aires, Argentina: Edições Paulinas, 1986.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. Curitiba: Editora da UFRP, 2005.

HOUAISS, Instituto Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e Práxis histórica*. São Paulo, ÁTICA, 1995.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética como fundamento: uma introdução à Ética contemporânea*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Ética*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Artigo recebido em agosto de 2011

Artigo aceito para publicação em janeiro de 2012